

## **O CONFLITO ENTRE A IMPERATRIZ ÉLIA EUDÓXIA E O BISPO JOÃO CRISÓSTOMO: REPRESENTAÇÕES DA ATUAÇÃO POLÍTICO-RELIGIOSA FEMININA EM OPOSIÇÃO AO PODER EPISCOPAL NO IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE (SÉC. IV)**

### **THE CONFLICT BETWEEN EMPRESS ELIA EUDOXIA AND BISHOP JOHN CHRYSOSTOM: REPRESENTATIONS OF FEMALE POLITICAL-RELIGIOUS ACTION IN OPPOSITION TO EPISCOPAL POWER IN THE EASTERN ROMAN EMPIRE (4TH CENTURY)**

Amanda de Carvalho Santos Lima<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar o conflito entre a imperatriz-consorte romana, Élia Eudóxia (395-404), personagem importante na consolidação do cristianismo no Oriente, e João Crisóstomo (397-403), bispo da Sé de Constantinopla. Pretendemos, através das obras *História Eclesiástica* de Sócrates Escolástico e *História Eclesiástica* de Sozomeno de Betélia, compreender como cada autor construiu uma representação de Eudóxia na narrativa do conflito, tendo em vista os posicionamentos dos autores diante do episcopado de João Crisóstomo e da atuação pública de Eudóxia em um contexto de redefinição dos papéis sociais das mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antiguidade Tardia; Imperatriz Eudóxia; João Crisóstomo; Gênero; Representação.

---

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Orientador: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia. Pesquisa: "O conflito entre a imperatriz Eudóxia (377 d.C. - 404 d.C.) e o bispo João Crisóstomo (349 d.C. - 407 d.C.): uma reflexão acerca das representações da imperatriz nas Histórias Eclesiásticas de Sócrates Escolástico e Sozomeno de Betélia". E-mail: amandadecslima290699@gmail.com.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the conflict between the Roman empress consort, Aelia Eudoxia (395-404), an important figure in the consolidation of Christianity in the East, and John Chrysostom (397-403), bishop of the See of Constantinople. Through the works *Ecclesiastical History* by Socrates Scholasticus and *Ecclesiastical History* by Sozomen of Bethelia, we intend to understand how each author constructed a representation of Eudoxia in the narrative of the conflict, taking into account the authors' positions regarding the episcopate of John Chrysostom and Eudoxia's public action in a context of redefinition of women's social roles.

**KEYWORDS:** Late Antiquity; Empress Eudoxia; John Chrysostom; Gender; Representation.

## INTRODUÇÃO

A imperatriz-consorte romana Élia Eudóxia governou a porção oriental do Império ao lado do imperador Arcádio entre 395 e 404 e adquiriu grande relevância nos assuntos político-religiosos da capital tendo em vista que o século IV foi atravessado por inúmeras disputas teológicas cuja intervenção imperial tentou obter uma uniformidade doutrinária, ainda que com dificuldades. Nesse sentido, sua atuação destaca-se por desempenhar um papel importante na política imperial de intervenção nos assuntos religiosos – característica da Antiguidade Tardia – em favor do credo niceno<sup>3</sup>. O papel histórico da imperatriz, entretanto, popularizou-se de forma negativa apesar do contexto favorável à conjunção entre os poderes eclesiásticos e do imperador, conforme ressalta a pesquisadora Wendy Mayer (2006).

Diante do exposto, pretendemos, no presente artigo, analisar as representações da Imperatriz Élia Eudóxia (377-404) durante o conflito com um dos bispos mais importantes do Império Romano Oriental, o bispo de Constantinopla João Crisóstomo (397-403), a partir da análise das obras *História Eclesiástica*, de Sócrates Escolástico e *História Eclesiástica*, de Sozomeno de Betélia. Nesse sentido, o recorte temporal desta

---

<sup>3</sup> O credo niceno foi definido no ano de 325 no Concílio de Nicéia.

pesquisa é o final do século IV e início do século V, enquanto o nosso recorte espacial é o Oriente Romano, mais especificamente Constantinopla.

Buscamos investigar a narrativa do conflito entre a imperatriz e o bispo de modo a compreender as diferentes representações de Eudóxia construídas pelos autores. Propomos, portanto, uma análise crítica das fontes de modo a compreender o conflito e as representações contidas na narrativa. Partiremos de uma breve reflexão acerca das representações de mulheres na Antiguidade ao longo da Historiografia, depois uma apresentação das obras *Histórias Eclesiásticas* dos autores selecionados. Em seguida, discorreremos acerca da biografia da imperatriz e do bispo a fim de examinar como a atuação de Eudóxia rompeu com os valores patriarcais defendidos pela elite eclesiástica da época, bem como compreender o pensamento de Crisóstomo a respeito da atuação pública de mulheres. Por fim, analisaremos as obras *Histórias Eclesiásticas* de Sócrates e Sozomeno de modo a discutir como a imperatriz Eudóxia foi representada pelos autores e por que tal representação se deu de determinada forma.

## REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DAS MULHERES DA ANTIGUIDADE

Os estudos sobre mulheres na Antiguidade vêm se consolidando, há algumas décadas, como um tema de grande relevância social e política. A historiadora Lourdes Conde Feitosa aponta que houve um aumento na quantidade de estudos sobre o tema no século XX, principalmente sobre mulheres pertencentes às elites<sup>4</sup>, entretanto, muitos desses estudos reproduziam uma visão rígida e generalizante (FEITOSA, 2012, p. 17-18). Ou seja, colocavam as mulheres romanas como figuras submissas, subjugadas e secundárias diante das figuras masculinas. Nesse sentido, a atuação feminina na

---

<sup>4</sup> Um exemplo é a obra de Guglielmo Ferrero, intitulada *The Women of the Caesars*, publicada em 1911. O livro revela muitos aspectos que se fizeram predominantes na historiografia por um longo período, mesmo após o advento da Historiografia de Gênero. Por exemplo, Ferrero dá foco especial aos imperadores, o que indica que o interesse e justificativa para escrever sobre tais mulheres pode ter se dado devido à conexão delas com estas figuras políticas masculinas. As mulheres são apresentadas, mas associadas a algum objeto já legitimado pela historiografia hegemônica (AZEVEDO, 2019). Nessa área de estudos destacam-se outros nomes como Moses Finley, Jérôme Carcopino, Paul Veyne e Pierre Grimal.

sociedade era bastante restrita, normalmente reduzida a algumas funções e aos espaços privados.

Para além de tal visão generalista, é importante destacar que a maioria dos trabalhos que buscam investigar o feminino na Antiguidade sofre com a ausência de fontes e com os limites das documentações que tratam dessas mulheres (FURLANI, 2017, p. 23-24). De fato, as fontes escritas que chegam até nós são, em sua maioria, escritas por homens que trazem um olhar específico sobre elas, e é com base nesse olhar masculino que temos acesso a essas figuras. Nesse sentido, tal olhar reducionista costumava oscilar entre o apagamento das mulheres das narrativas históricas e a depreciação das reputações daquelas que ousavam ultrapassar os limites entre o público e o privado.

Contudo, tais produções ocorrem não apenas pelo fato da maioria das representações femininas serem feitas por sujeitos masculinos, mas também pela carência de uma visão historiográfica que desconstrua esse olhar e promova reflexões e análises mais amplas e plurais sobre essas experiências femininas. Destaca-se, portanto, o advento da História das Mulheres nas décadas de 1960 e 1970 que, com a ampliação das possibilidades de fontes históricas e introdução de novos conceitos e metodologias promovidos pela Terceira Geração da Escola dos Annales, permitiu a reflexão sobre os lugares das mulheres na sociedade e na História (GATT; COTRIM, 2022, p. 16).

Assim, após a “virada feminista” dos anos 1960 e 1970 e o surgimento da História das Mulheres e, posteriormente, da Historiografia de Gênero, que busca problematizar as relações entre os gêneros (PERROT, 2007), surgiram novos desafios no que tange ao estudo das mulheres na Antiguidade que contavam com uma visão mais crítica que buscava se debruçar sobre a historiografia tradicional predominantemente masculina e questionar o apagamento e difamação de figuras femininas politicamente relevantes.

A partir dessas reflexões, propomos que a perspectiva teórica a orientar nossa análise dessas representações e do papel da mulher na Antiguidade Tardia diz respeito à Teoria de Gênero de Joan Scott. A historiadora propõe, em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (2017), o gênero como um conceito, não apenas um

elemento constitutivo das relações sociais, mas também como uma forma de significar as relações de poder, já que as mudanças na organização dessas relações correspondem às mudanças nas representações de poder (SCOTT, 2017). Os estudos de gênero, portanto, se baseiam na relação entre as categorias de feminino e masculino, porém voltados para a compreensão da historicidade da natureza humana e dos papéis sociais atribuídos a eles nos diferentes períodos históricos. Nesse sentido, as diferenças sexuais apresentadas pelos indivíduos são interpretadas a partir de uma visão historicamente contextualizada compreendendo que os discursos sobre os papéis sociais que cada um deve cumprir são fabricados historicamente. Essas fabricações – ou representações – fazem com que a categoria de gênero se transforme em uma ferramenta de produção de significados e sentidos, contribuindo também para a manutenção das relações de poder (GATT; COTRIM 2022, p. 16-17).

Nesse sentido, Scott defende que o gênero, enquanto mecanismo de poder, está presente em diversos aspectos do social, do político e do cultural (SCOTT, 2017, p. 86). Em relação ao último aspecto, a autora afirma que os símbolos culturalmente disponíveis em uma sociedade evocam representações múltiplas, frequentemente contraditórias, de mulheres (SCOTT, 2017, p. 86). Tais representações não são discursos neutros, pelo contrário, produzem práticas sociais e políticas que impõem uma autoridade sobre outras (CHARTIER, 1990, p. 17). Nossa proposta de trabalhar as representações de Élia Eudóxia a partir de uma perspectiva das relações de gênero se baseia na possibilidade do conceito, enquanto ferramenta teórico-metodológica, de questionar os discursos concebidos sobre a imperatriz, sendo este estudo relevante para compreender as diversas imagens geradas sobre as mulheres no período tardo-antigo e suas articulações com os demais elementos da sociedade romana.

Ademais, o conceito de representação também é valioso para cumprir nossos objetivos. O historiador Roger Chartier aponta que a representação é uma maneira de pensar sobre uma sociedade e seu imaginário, visto que uma representação só se torna possível por existir uma realidade específica na qual se fundamenta (CHARTIER, 1990). Com isso, e tendo em mente que os discursos e as práticas culturais são elaborados por

um grupo social, podemos discutir como as realidades sociais são construídas e pensadas. O autor compreende, porém, que há uma especificidade no discurso histórico, dado que é constituído por meio de técnicas específicas (CHARTIER, 2020, p. 215), e que a manipulação desses discursos pelos grupos sociais compõe o que Chartier define como *luta de representações*, uma disputa simbólica entre grupos, na qual cada um busca legitimar sua visão particular (CHARTIER, 1990). Assim sendo, por entendermos que o aporte teórico de Chartier nos permite trabalhar o campo das representações como palco das relações de poder e os usos do discurso enquanto instrumentos de poder, iremos mobilizar os escritos deste autor para que seja possível trabalhar com os discursos sobre Eudóxia como elementos de real capacidade de influenciar e de serem influenciados pelas estruturas sociais.

## **AS OBRAS HISTÓRIAS ECLESIASTICAS DE SÓCRATES ESCOLÁSTICO E SOZOMENO DE BETÉLIA**

O *corpus* documental analisado são as obras *História Eclesiástica* (2004) de Sócrates Escolástico (380-?) e *História Eclesiástica* (1983) de Sozomeno de Betélia (c. 380 - c. 446), ambas escritas durante o reinado de Teodósio II (408-450), no século V. As *Histórias Eclesiásticas* do século V constituem grandes compilados de episódios cronologicamente organizados que foram produzidos por homens que se consideravam autoridades eclesíasticas em um contexto em que a historiografia eclesíastica se mostrava extremamente produtiva devido a consolidação do cristianismo na sociedade romana e à necessidade de defender a interpretação ortodoxa da Igreja contra conceitos considerados heréticos (MARQUES, 2009, p. 56).

O primeiro historiador eclesíastico foi Eusébio de Cesaréia (?-339), ainda no século IV, bispo relacionado à casa imperial e de grande influência nos debates teológicos. Segundo o historiador Glenn Chesnut, a *História da Igreja* do autor é inovadora ao desviar-se da descrição de guerras e outros fenômenos políticos e focar na crônica de uma religião em vias de institucionalização (CHESNUT, 1977, p. 61). Ademais,

a obra se destaca ao apontar os supostos inimigos da Igreja, colocando pagãos<sup>5</sup> e hereges como culpados pelos desvios da História.

Tais características da obra de Eusébio se perpetuam nos escritos do século V de Sócrates Escolástico e Sozomeno de Betélia. Diretamente influenciados pelo bispo de Cesaréia, os autores utilizaram-se da obra deixada pelo predecessor, solidificando, então, uma corrente literária própria (NOBBS, 1986, p. 1) e por isso adotou-se o rótulo de “historiadores da Igreja”. Por conta dessa influência, há muitas semelhanças entre as obras de Sócrates e Sozomeno, ainda que estudos mais recentes destaquem algumas diferenças importantes decorrentes, principalmente, dos posicionamentos divergentes dos autores em relação a certos acontecimentos (MARQUES, 2009, p. 57).

A data de publicação das obras não pode ser exatamente identificada. A história narrada por Sócrates termina em 439 e o autor afirma, no prefácio do primeiro livro, que irá tratar a história da Igreja em toda a sua trajetória até os dias que lhe eram contemporâneos. De fato, segundo Chesnut (1977), a obra de Sócrates foi concebida para continuar a história de Eusébio e trazê-la até o seu próprio tempo. Já a obra de Sozomeno, escrita entre 439 e 446, dependeu grandemente da obra de Sócrates. O trabalho de Sozomeno provavelmente foi publicado antes de 450, uma vez que ele convidou o Imperador Teodósio II, que morreu em 450, para sugerir eventuais correções ou melhorias (MARQUES, 2009, p. 62-63).

---

<sup>5</sup> A definição do termo “pagão” possui uma conjuntura específica, como pontua Jérôme Baschet: “Por volta de 500, o cristianismo é ainda essencialmente uma religião das cidades [...] No entanto, como sublinha a *História contra os pagãos* de Orósio, ‘pagão’ (*paganus*) é também o homem do *pagus*, o camponês. Assim, o politeísmo antigo é considerado uma crença de homens rurais atrasados. Ele não somente é uma ilusão ‘fora de moda’, como já o havia dito Constantino, mas, além disso, é um resquício rural, objeto de desprezo dos cidadãos” (BASCHET, 2006, p. 67). Henry R. Loyn (1997, p. 285) ressalta que a palavra era geralmente aplicada às religiões politeístas, porém é importante destacar que o termo é considerado pejorativo, porém como mobilizamos documentação cristã, faremos uso em momentos específicos.

## ÉLIA EUDÓXIA, IMPERATRIZ-CONSORTE ROMANA DO ORIENTE

Élia Eudóxia, imperatriz-consorte romana do Oriente, tem a data de nascimento desconhecida, porém considera-se que ela teria nascido em torno de 377 e seu falecimento teria ocorrido no ano 404. De acordo com Filostórgio (*Hist. Eccl.*, XI, 6)<sup>6</sup>, ela era filha de Flávio Bautão (?-388), um general franco proeminente no Ocidente, e de uma mulher romana. Inserida nos círculos aristocráticos de Constantinopla ainda criança (LIGHTMAN, 2008, p. 120), Eudóxia foi criada em estreita proximidade com a corte oriental e era conhecida da família imperial antes de seu casamento (HOLUM, 1982, p. 50, 51). Em 17 de janeiro de 395, Teodósio morreu em Milão e seus filhos Arcádio e Honório o sucederam, respectivamente, no Oriente e no Ocidente. Logo depois, ocorreu o casamento de Arcádio e Eudóxia em 27 de abril de 395 e Eudóxia tornou-se imperatriz-consorte do Oriente (HOLUM, 1982, p. 50).

A partir de então, Élia Eudóxia desempenhou papel importante nos assuntos religiosos do Estado. Defensora do credo niceno, isto é, a confissão de fé emitida pelo Concílio de Nicéia em 325, que buscava unificar o Império através de uma doutrina única<sup>7</sup>, a imperatriz se valia de sua posição e influência para combater o paganismo e o arianismo<sup>8</sup>, ambos ainda populares no império oriental (LIGHTMAN, 2008, p. 122). Ela liderou procissões noturnas pela cidade, interviu em conflitos entre bispos e teve um papel significativo nos espetaculares acontecimentos públicos em torno da importação de relíquias para Constantinopla (HOLUM, 1982, p. 53, 54). Nesse sentido, sua elevação à *Augusta*, em 9 de Janeiro de 400, resultou em uma mudança considerável em sua

---

<sup>6</sup> Todas as abreviações dos autores antigos seguem os padrões do Oxford Classical Dictionary.

<sup>7</sup> O imperador Constantino tinha grande interesse em definir uma doutrina única para o Império, porém a Questão Ariana, que consistia na crise provocada pelo ex-sacerdote de Alexandria Ário (250-336) ao propor que Jesus Cristo não compartilharia a mesma essência que Deus-Pai, expandiu-se rapidamente e angariou inúmeros adeptos, representando, por conseguinte, um obstáculo para a realização da ideia de Constantino de um Império com uma religião universal (MAGALHÃES, 2009, p. 73-74). Apesar da importância do Concílio de Nicéia, ainda foram realizados, no mínimo, 20 concílios no período de 318-381 a fim de tentar buscar uma resolução apenas para controvérsia ariana (HANSON, 1997, p. xix.).

<sup>8</sup> A doutrina ariana, também conhecida como arianismo devido ao nome do seu criador – Ário, um sacerdote cristão da cidade de Alexandria no século IV – considerava que Jesus Cristo não possuía a mesma natureza de Deus-Pai, sendo condenada como heresia no Concílio de Nicéia em 325 d.C. (SOUZA, 2016, p. 60, 61).

atuação, visto que passou a ser autorizada a usar o diadema imperial (HOLUM, 1982, p. 57).

A influência de Eudóxia em assuntos do Estado e da Igreja tem sido objeto de debate entre historiadores desde o período tardo-antigo. Sozomeno, por exemplo, tende a diminuir consideravelmente a atuação de Eudóxia no processo de deposição e exílio de João Crisóstomo e Filostórgio (PHILOSTORGIUS, *Hist. Eccl*, XI, 6) – o autor sequer menciona o nome de Eudóxia em sua obra. Na historiografia mais recente, o historiador britânico Wolf Liebeschuetz (2011), por exemplo, apresenta a imperatriz como uma figura que demonstra impulsividade em diversos momentos, especialmente em suas reações diante das ações e sermões de Crisóstomo. Já a historiadora Wendy Mayer (2006) afirma que a imperatriz foi alvo de uma série de críticas principalmente por conta da sua atuação junto às questões eclesiais e da sua proclamação como Augusta antes de ter dado à luz um herdeiro masculino para o imperador. A autora elabora uma crítica mais voltada para a questão de gênero e a maneira como a atuação política feminina era desencorajada e até mesmo contestada pelas elites romanas da época. No entanto, as documentações tardo-antigas com as quais trabalhamos apontam algumas das ações de Eudóxia nos assuntos eclesiais da Capital, como veremos ao longo do artigo.

### **JOÃO CRISÓSTOMO, BISPO DE CONSTANTINOPLA**

João de Constantinopla, chamado, após sua morte, de Crisóstomo, foi um dos bispos mais influentes do Império Romano na passagem do século IV para o século V (SILVA, 2010, p. 7). Sua extensa produção literária e seu desempenho como líder religioso em Antioquia e Constantinopla contribuíram para tal prestígio, visto que eram as duas cidades mais importantes do Oriente na época. Crisóstomo nasceu por volta do ano 349 em Antioquia, província da Síria, (SILVA, 2010, p. 7) e iniciou o seu ministério na região em torno de 371, recebendo a função de ler o Antigo Testamento e as Epístolas durante os cultos. No final de 380, ou início de 381, foi promovido ao diaconato e o exerceu até 386, quando foi ordenado presbítero. Exercendo tal função, seu principal encargo era

pregar e instruir a assembleia, além de auxiliar o bispo nas cerimônias litúrgicas e substituí-lo sempre que necessário (SILVA, 2012, p. 151).

João teve contato com o monasticismo pouco antes de ser ordenado presbítero e chegou a experimentar uma temporada de reclusão ao lado dos anacoretas dos Montes Síprios, empenhando-se muito na privação alimentar típica dos monges (SILVA, 2010, p. 116). Tal prática colaborou para a construção de um importante alicerce para a expansão cristã e de seu estilo de vida ascético. Baseado no ascetismo, doutrina que exigia o abandono de práticas cotidianas na busca pelo desenvolvimento espiritual, o monasticismo cristão, surgido nos desertos da Síria e do Egito no final do século III (BELMAIA, 2022, p. 137-138), também procurava amortecer qualquer tipo de prazer físico ou psicológico, os quais eles denominavam “mundanos”, com o propósito de alcançar uma elevação espiritual e maior ligação com Deus (BELMAIA, 2022, p. 137-138).

No entanto, os rigores da vida asceta não agradavam a todos e muitos o consideravam ofensivos, como, por exemplo, os cristãos casados do século IV (BELMAIA, 2022, p. 139). Assim, apesar da forte rejeição em alguns círculos, o monasticismo se espalhou por diversos territórios no Oriente, como o Egito e a Palestina, indo da Síria à Mesopotâmia (VARGAS, 1999, p. 4). Como dito anteriormente, Crisóstomo teve contato com o monasticismo pouco antes de ser ordenado presbítero e mais tarde, já como presbítero, iniciou o seu ministério em Antioquia, destacando-se justamente pela tentativa de introduzir em sua congregação valores como a importância do rigor e da disciplina na construção de uma vida virtuosa, heranças da época em que conviveu com os monges (SILVA, 2020, p. 116).

Com isso, o episcopado de Crisóstomo foi marcado pela adoção de um programa de reformas muito influenciado pelos ideais monásticos. Muitas dessas reformas atraíram a antipatia de membros do Clero e as denúncias apresentadas contra João no Sínodo do Carvalho, responsável pela sua deposição em 403, mostram que o bispo costumava exigir dos seus sacerdotes uma disciplina muito severa, frequentemente os acusando de corrupção e expulsando muitos de sua congregação (SILVA, 2012, p. 152).

Além disso, iniciou, em 401, uma política de intervenção nas demais comunidades cristãs da Ásia, o que provocou ainda mais desprezo do Clero por Crisóstomo.

Ademais, ele interferiu na administração financeira, controlando diretamente a arrecadação e as despesas dos fundos eclesiásticos e suprimindo gastos que considerava supérfluos, como a manutenção da residência episcopal. João também aboliu os banquetes episcopais e vendeu as pedras de mármore compradas para decorar a Igreja de Santa Anastácia. O historiador Wolf Liebeschuetz (1984) afirma que o descontentamento com a atuação do bispo se generalizou de tal forma entre os círculos monásticos da cidade que até mesmo um dos fundadores do monacato em Constantinopla, chamado Isaque, foi um dos principais articuladores da deposição de João. Entende-se, portanto, que a oposição que se estabeleceu entre o bispo e os monges de Constantinopla deu-se por conta das diferenças na concepção da vida monástica (SILVA, 2012, p. 152).

Para o historiador Gilvan Ventura da Silva (SILVA, 2010, p. 111), as circunstâncias que cercavam a Sé da Capital do Império do Oriente no período abordado já eram extremamente difíceis. No entanto, o comportamento assumido por João Crisóstomo, fruto das suas convicções e do seu temperamento, potencializou os conflitos. Nesse sentido, a figura de João é muito simbólica, considerando sua relação com o movimento monástico e o projeto pedagógico aplicado em sua igreja, que gerou extremo descontentamento entre os monges da cidade.

## **AS REPRESENTAÇÕES DA IMPERATRIZ EM CONFLITOS COM O BISPO**

Acerca do conflito entre a corte imperial e João Crisóstomo, o historiador Sławomir Bralewski (BRALEWSKI, 2020) afirma que os autores Sócrates de Constantinopla e Sozomeno de Betélia dedicam um espaço considerável em suas histórias eclesiásticas ao evento. No entanto, na maioria dos casos, as discussões historiográficas acerca do tema são quase inteiramente voltadas para João Crisóstomo, colocando a imperatriz em uma posição secundária, apenas como antagonista do bispo. Na nossa pesquisa,

entretanto, buscamos colocar a imperatriz em primeiro plano, destacando sua atuação e analisando, de forma crítica, os discursos dos autores que a mencionam. Assim, é possível perceber, na documentação analisada, que de início não havia um confronto entre as duas figuras mas, pelo contrário, demonstrações de respeito mútuo entre ambos (LIGHTMAN, 2008, p. 123). Por estar profundamente envolvida nos assuntos eclesiásticos, Eudóxia financiou eventos organizados por Crisóstomo, chegando, inclusive, a ser elogiada pelo bispo devido ao seu comportamento em procissões (HOLUM, 1982, p. 57).

Nesse sentido, o descontentamento da casa imperial com o bispo de Constantinopla se iniciou após o ano de 402. No início deste ano, Crisóstomo viajou para a Ásia Menor e seu lugar na corte foi ocupado pelo bispo Severiano de Gabala (c. 380 - c. 408), da Síria. Os historiadores da Igreja descrevem o conflito entre Serapião, arqui-diácono de João, e o bispo sírio, que terminou com a expulsão de Severiano depois que João retornou da Ásia. Seu exílio, no entanto, foi contestado, como mostra Sozomeno:

6. A imperatriz, quando esses fatos mal tinham vindo à tona, ouviu falar deles por partidários de Severiano, e **imediatamente o chamou de Calcedônia**. Mas, apesar de numerosos pedidos, João recusou-se a encontrá-lo até que, na igreja que leva o nome dos Apóstolos, **ela colocou seu filho Teodósio de joelhos com súplicas e uma profusão de juramentos: com grande dificuldade, ela o reconciliou com Severiano**. Eis o que aprendi sobre o assunto (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 10, 6, grifo e tradução nossa).

Sozomeno relata que a imperatriz, ao saber dos acontecimentos, interferiu no conflito entre os bispos e mediou uma reconciliação entre ambos, valendo-se da imagem do filho, o futuro imperador Teodósio II. A famosa tradutora da obra de Crisóstomo, Laurence Brottier, aponta que Eudóxia valeu-se de dois elementos importantes para pressionar o bispo, até então resistente a fazer as pazes com Severiano, a aceitar a reconciliação: a imperatriz valeu-se da alta dignidade da criança imperial colocada aos joelhos do líder episcopal e, principalmente, o local sagrado, onde seria difícil um cristão recusar o perdão (BROTTIER, 1996, p. 330).

Conforme destacado por Judith Herrin, em *Late antique origins of the 'Imperial Feminine'* (2016), Eudóxia fazia uso constante de símbolos ligados à maternidade,

estando habitualmente acompanhada dos filhos em inúmeras de suas intervenções . Ademais, o local escolhido para a encenação foi a Igreja dos Santos Apóstolos, onde Teodósio I tinha sido enterrado, na frente de inúmeros fiéis, sendo mais um elemento coercitivo para harmonia entre os bispos (PAÑO, 2021a, p. 78). Assim, com certa dificuldade, ela consegue mediar a reconciliação cuja superficialidade é apontada por Sócrates:

[...] ao saber disso, a Augusta Eudóxia repreende João e faz com que Severiano seja convocado de imediato de Calcedônia na Bitínia, e ele voltou imediatamente. Mas João afastou-se de sua amizade e permaneceu insensível a qualquer exortação, até que a imperatriz Eudóxia, que havia colocado nos joelhos de João, na igreja chamada dos Apóstolos, seu filho Teodósio, que hoje reina, mas na época ainda muito jovem, e havia implorado a ele com muitos juramentos, o persuadiu com grande esforço a conceder sua amizade a Severiano. 21. **Assim, eles aparentemente voltaram a ser amigos, mas ainda mantinham uma opinião hostil um em relação ao outro** (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 11, 20-21, versão única, grifo e tradução nossa).

Após tais acontecimentos, Crisóstomo passou a expressar publicamente suas opiniões sobre a atuação política feminina em homilias. A historiadora Marjorie Lightman afirma que, em 403, Crisóstomo proferiu um sermão especialmente agressivo contra "as mulheres ricas e extravagantes", no qual fez referência à personagem bíblica Jezabel, o que a congregação imediatamente interpretou como uma referência a Eudóxia. De acordo com ela, outras mulheres ricas, especialmente o círculo próximo a Eudóxia, como Marsa, Eugráfia e Eufêmia, também se consideraram insultadas e reforçaram a fúria da imperatriz (LIGHTMAN, 2008, p. 123). Os autores, porém, divergem sobre o ocorrido. De acordo com Sócrates, por exemplo, algumas pessoas mal-intencionadas teriam levado seu discurso às autoridades e conduzido a um conflito entre Eudóxia e o bispo. Já Sozomeno aponta que os inimigos de Crisóstomo relataram o sermão à imperatriz, porém o interpretaram adequadamente. Ambos afirmam que Eudóxia, sentindo-se ofendida, queixou-se ao imperador e tentou convencê-lo de que uma ofensa contra ela era igualmente um insulto a ele:

1. Quando Epifânio embarcou, João soube de algumas pessoas que a imperatriz Eudóxia havia incitado Epifânio contra ele. 2. **Sendo de temperamento inflamado e rápido na fala, ele não demora a proferir uma acusação geral contra todas as mulheres diante do povo.** 3. **A multidão aproveitou das palavras como se se referisse à imperatriz, e o discurso,**

**captado por pessoas mal-intencionadas, é levado ao conhecimento das autoridades.** 4. A *Augusta*, ao tomar conhecimento disso, reclamou com o imperador sobre a ofensa que lhe foi feita, alegando que a injúria dirigida a ela era uma injúria contra ele. 5. Ela então fez com que Teófilo convocasse rapidamente um concílio contra João, e Severiano se associou a isso, pois mantinha seu ressentimento (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 15, 1-5, grifo e tradução nossa).

É evidente, na narrativa de Sócrates Escolástico, sua crítica em relação à atitude do bispo, afirmando ser “de temperamento inflamado e rápido na fala”. A atitude irrefletida do bispo, no entanto, foi apropriada por pessoas mal-intencionadas que, segundo Sócrates, teriam se aproveitado de seu temperamento para prejudicá-lo. Já no trecho sobre o mesmo acontecimento escrito por Sozomeno, não há críticas à atitude de Crisóstomo. O autor enfatiza a atuação dos inimigos do bispo, que teriam sido os responsáveis por informar à imperatriz a respeito do discurso de Crisóstomo, porém não aponta tal discurso como uma reação do bispo às ações de Eudóxia, deixando a motivação do discurso em dúvida:

1. Depois de Epifânio ter saído, João, que estava a dirigir o culto, fez um discurso de reprovação geral contra as mulheres; mas o povo ouviu-o como se tivesse sido composto em segredo contra a mulher do imperador. **Os inimigos do bispo tinham recolhido o texto e transmitiram-no à imperatriz.** Esta queixou-se ao marido do ultraje e instou Teófilo a aparecer o mais depressa possível e a convocar um sínodo. 2 Também envolvido nestas manobras estava Severiano de Gabala, que ainda não tinha recuperado da sua recente cólera. **Não sei dizer com exatidão se João fez este sermão por mero acaso ou, como alguns dizem, porque suspeitava que a imperatriz tinha incitado Epifânio a conspirar contra ele** (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 16, 1-2, grifo e tradução nossa).

Sabemos, no entanto, que ao expressar opiniões sobre a condição das mulheres, na maioria das vezes, João Crisóstomo adotou uma posição rigorosa, muito pautada no ideal ascético de disciplina corporal, principalmente no que se refere ao controle do corpo feminino (SILVA, 2011b). No sermão em questão, o bispo afirma que as mulheres possuem a marca de Eva e são, por natureza, vaidosas, desobedientes, maliciosas e, apesar de privadas por Deus da liderança espiritual, insistem em infiltrar-se, sempre que possível, em posições de autoridade (HOLUM, 1982, p. 70). Contudo, Crisóstomo demonstrou aprovação a mulheres que demonstravam modéstia no vestuário e na fala e que eram obedientes aos sacerdotes e bispos (HOLUM, 1982, p. 71), o bispo inclusive

já havia elogiado a própria Eudóxia em aparições públicas<sup>9</sup>. No entanto, a partir do momento em que a imperatriz passou a interferir nos assuntos eclesiásticos, intervindo diretamente nas atribuições de Crisóstomo, ele passou a reprová-la publicamente, visto que desaprovava mulheres que exerciam o poder fora do ambiente doméstico (LIEBESCHUETZ, 2011, p. 152-158; 177-184).

A consequência da pregação do bispo foi a convocação do Concílio do Carvalho, que se reuniu entre os meses de setembro e outubro de 403 com a presença de trinta e seis bispos (SILVA, 2012, p. 156). João, então, foi julgado e condenado, sendo destituído de sua Sé em sentença prontamente confirmada pelo imperador. No entanto, o bispo, apesar de desprezado pelo Clero, era muito popular entre o povo e sua partida enfureceu os seus seguidores que iniciaram uma onda de protestos. Segundo os historiadores da Igreja, após tais protestos, os imperadores decidiram restituir Crisóstomo ao cargo e a narrativa distingue-se novamente.

Sócrates afirma que Arcádio ordenou o retorno do bispo exilado, pontuando de forma sucinta que “Foi-lhe então enviado Brison, o eunuco da imperatriz, que o encontrou em Preneto [...] e o levou de volta a Constantinopla” (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 16, 6). Por outro lado, Sozomeno aponta que foi Eudóxia a responsável por convencer o imperador a trazer o bispo de volta do exílio, enviando ela própria seu eunuco pessoal para buscá-lo. O autor enfatiza ainda que Eudóxia preocupou-se em informar ao bispo que seu exílio não era culpa dela e que ela o respeitava como bispo, especialmente por ter introduzido seus filhos na fé:

5. **A imperatriz**, tendo cedido aos apelos do povo, **persuadiu seu marido a concordar**. Enviou rapidamente Brison, um eunuco de confiança da sua corte, que trouxe João de volta do palácio. Preneto para a Bitínia. **Disse-lhe que estava inocente da conspiração contra ele e que o venerava como bispo e como iniciador dos seus filhos**. 6. Quando regressou, João **ficou numa villa suburbana da própria imperatriz**, perto de Anápolis: antes que um conselho maior o julgasse, para que ficasse claro que tinha sido injustamente deposto do episcopado, recusou-se a entrar na cidade por enquanto (SOZOMÊNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 18, 5-6, grifo e tradução nossa).

---

<sup>9</sup> O exemplo mencionado refere-se à participação de Eudóxia no transporte de relíquias em Constantinopla, quando a imperatriz provia recursos financeiros para eventos da Igreja (HOLUM, 1982, p. 57).

É possível constatar que Sozomeno, mais uma vez, aumenta a participação de Eudóxia nos acontecimentos e destaca sua preocupação com a educação dos filhos (BROTTIER, 1996, p. 313-332), e, portanto, evidenciando-a como uma mãe zelosa. Sozomeno, ao contrário de Sócrates, também menciona que, antes de João chegar a Constantinopla, ele teria sido acolhido em uma propriedade perto de Anápolis que pertencia à própria imperatriz, marcando ainda mais sua diligência no regresso e reintegração de Crisóstomo. Ambos os autores, entretanto, relatam que o bispo estava relutante em entrar na capital antes de um novo julgamento, tendo sido largamente pressionado pelos fiéis a ocupar novamente seu posto. Porém, pouco tempo depois desse acontecimento, o bispo envolveu-se em nova controvérsia com o casal imperial.

Antes do Natal do ano de 403, Simplício, prefeito da cidade de Constantinopla, ergueu uma estátua de prata em homenagem a Eudóxia. A estátua é mencionada pelos historiadores da Igreja como a razão do último conflito entre Eudóxia e Crisóstomo (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 18; SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 20). A inauguração da estátua foi acompanhada de shows teatrais envolvendo dançarinos e jogos públicos, no entanto, tal evento, apesar de habitual (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 20, 1), teria aborrecido Crisóstomo:

**1. Sobre uma coluna de pórfiro foi erigida uma estátua de prata de Augusta Eudóxia, vestida com um elegante manto. Estava colocada num pedestal alto, nem muito perto nem muito longe da igreja chamada "Sabedoria", mas a larga avenida do Mesè separava-as; os jogos públicos realizavam-se habitualmente aí. 2. João, achando que o que se tinha passado era um insulto à igreja e voltando à sua habitual liberdade de expressão, voltou a lançar a sua língua contra os que tinham feito aquilo. 3. As autoridades deveriam ter sido persuadidas, por meio de exortação, a acabar com os jogos, mas ele não quis nada disso e, em termos violentos, zombou daqueles que os tinham ordenado** (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 18, 1-3, grifo e tradução nossa).

Constata-se, no trecho em questão, que Sócrates tende a enfatizar sua desaprovação em relação à atitude do bispo, tendo considerado seu comportamento equivocados e pontuando que seria mais prudente ter recorrido às autoridades.

Sozomeno, no trecho de sua obra que se refere ao ocorrido, argumenta que estas festas com dançarinos e músicos eram habituais sempre que estátuas em homenagem a governantes eram erguidas (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 20, 1). Ainda que tais festividades fossem comuns, Crisóstomo recriminou os participantes da homenagem – o bispo é conhecido por seu posicionamento contra a participação de fiéis em teatros e eventos não religiosos (LIEBESCHUETZ, 2011, p. 244). Ademais, de acordo com seu rigoroso padrão ascético, a cidade seria feita para o trânsito dos homens, responsáveis por gerir a *polis* tanto politicamente quanto desempenhando os ofícios necessários à vida urbana. Em vista disso, a cidade seria considerada um local perigoso para as mulheres que, independente da sua condição social, correriam o risco de, iludidas pela falsa sensação de liberdade, transgredirem os limites impostos pela discricção e pela sobriedade (SILVA, 2011a, p. 37-38). Tais ideias podem explicar o desconforto de Crisóstomo diante da presença de mulheres em lugares que supostamente não seriam apropriados para elas, como o teatro, a sinagoga e as praças. De fato, Liebeschuetz sugere que o fato do posicionamento do bispo ser amplamente conhecido pode ter feito com que um evento teatral ao lado de sua catedral em comemoração a inauguração de uma estátua feminina em praça pública parecesse uma forma de desrespeito direcionado a ele (LIEBESCHUETZ, 2011, p. 244).

A reação do bispo a estas festividades é relatada pelos dois historiadores: Sócrates e Sozomeno. O famoso sermão de Crisóstomo comparando Eudóxia a Herodias, personagem do Novo Testamento que desejava a morte do profeta João Batista nos relatos bíblicos, é descrita nas duas *Histórias Eclesiásticas*:

4. A imperatriz voltou a relatar a si própria o que tinha sido dito e, considerando que as palavras dele eram um insulto para ela, voltou a organizar um conselho de bispos contra ele. 5. **Quando ouviu isto, João fez a sua famosa homilia na igreja, que começa assim: "Mais uma vez Herodíades está louca, mais uma vez está a dançar, mais uma vez está a tentar pôr a cabeça de João numa bandeja". Isto deixou a imperatriz ainda mais zangada** (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 18, 4-5, grifo e tradução nossa).

Segundo Sócrates, quando a imperatriz se sentiu atacada e articulou um novo concílio para julgar João, o bispo mais uma vez a afrontou em seus sermões; dessa vez,

fazendo referência a Herodias, o que a teria irritado ainda mais. Sozomeno, ainda que mais fiel às fontes joaninas (PAÑO, 2021b, p. 658), reafirma a versão de Sócrates e também enfatiza a raiva da imperatriz por este acontecimento, mas também pelos anteriores, os quais ela ainda se lembrava:

2. Num sermão ao povo, João atacou estas celebrações como um insulto à Igreja. **A imperatriz, que se tinha lembrado recentemente das mortificações anteriores, considerou-se de novo ultrajada e encheu-se de cólera;** tratou de convocar um novo concílio. Mas João não cedeu e, **ao insurgir-se ainda mais claramente contra ela na igreja, inflamou a sua cólera.** 3. Foi então que proferiu este famoso sermão, que começa assim: "**Mais uma vez Herodíades está louca, mais uma vez está a dançar, mais uma vez está a tentar pôr a cabeça de João num prato [...]** (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 20, 2-3, grifo e tradução nossa).

Após tal evento, Arcádio rompeu relações com o bispo e o confinou em seu palácio episcopal (HOLUM, 1982, p. 76-77). Assim, no início da Páscoa de 404, ele foi formalmente notificado da proibição imperial de executar qualquer ato litúrgico (SILVA, 2020, p. 118). Assim, em 20 de junho de 404, Arcádio ordenou o exílio definitivo de João Crisóstomo (SILVA, 2020, p. 119) e a população se revoltou e incendiou a Grande Igreja de Constantinopla (LIGHTMAN, 2008, p. 124). A imperatriz Eudóxia faleceu poucos meses depois, em 404, devido a um aborto espontâneo (HOLUM, 1982, p. 76-77). No entanto, suas representações posteriores se tornaram negativas principalmente por conta do conflito analisado. Já Crisóstomo, conforme ressalta o historiador Gilvan Ventura da Silva, é celebrado como um notável pacificador da Igreja, em uma notória inversão dos fatos (SILVA, 2020, p. 123).

Acerca das representações construídas pelos historiadores eclesiásticos, foi possível demonstrar, através das obras analisadas, algumas divergências entre os autores sobre a figura da imperatriz. Ambos apresentam Eudóxia como uma imperatriz intimamente envolvida nos assuntos eclesiásticos, porém é notório que Sozomeno aumenta sua participação em diversos momentos, como no retorno de Crisóstomo do primeiro exílio, em que aponta que Eudóxia foi a responsável por convencer o imperador a trazer o bispo de volta a cidade, enviando ela própria seu eunuco pessoal para buscá-lo, além de permitir que ele permanecesse em sua propriedade, enfatizando o seu

empenho no regresso do bispo (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 18, 5-6.); Sozomeno ainda realça uma série de atributos de Eudóxia, como a piedade e humildade da consorte (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 13, 2-6; 15, 1-2). O autor destaca as qualidades maternas da imperatriz, indicando como ela se preocupava com a educação religiosa dos seus filhos (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 18, 5).

Por outro lado, Sócrates diminui muito a participação de Eudóxia nos acontecimentos que levaram ao exílio de Crisóstomo, preferindo focar na conduta dos inimigos do bispo e dele próprio. Ao contrário de Sozomeno, que demonstra uma tolerância bem maior para a conduta de Crisóstomo, em alguns momentos até amenizando a narrativa, como no caso do sermão de Crisóstomo de reprovação geral às mulheres. Tal episódio é narrado por Sozomeno não como uma reação às ações de Eudóxia, mas como um sermão que teria sido distorcido pelos inimigos do bispo (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 15, p. 1-2), enquanto Sócrates desaprova abertamente a atitude do bispo e aponta que foi motivado pela sua impulsividade (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 15, p. 1-5). Sócrates também parece relutante em afirmar que os eventos após o exílio definitivo de Crisóstomo tenham sido fruto da ira divina, colocando tal interpretação ao lado de outras e evitando de assumir essa posição:

5. E quando aconteceu que uma violenta chuva de granizo caiu sobre Constantinopla e seus arredores (isso aconteceu durante o mesmo Consulado, por volta do dia trinta de setembro), **disseram que isso também foi causado pela vingança de Deus pela injusta deposição de João**. 6. A morte da Imperatriz Eudóxia fez com que tais discursos se multiplicassem, pois ela morreu três dias depois da chuva de granizo. 7. **Mas outros dizem que João tinha sofrido um castigo justo ao ser deposto, porque tinha tomado várias igrejas de novacianos, quartodecimanos e alguns outros hereges, quando estava na Ásia e na Lídia, na sua viagem a Éfeso para a ordenação de Heráclio** (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 19, 4-7, grifo e tradução nossa).

Ainda que Sócrates e Sozomeno possuam diferenças significativas acerca do episcopado de João Crisóstomo e até mesmo sobre o nível de atuação de Eudóxia no processo de deposição e exílio do bispo, ambos evitam culpar diretamente a imperatriz. A historiadora Maria Escribano Paño afirma que de fato Eudóxia não estava diretamente

envolvida na condenação de João, mas esteve envolvida em eventos sensíveis que levaram ao exílio do bispo (PAÑO, 2021b, p. 655). Com efeito, até os historiadores apontam que, ao retornar do primeiro exílio e retomar sua Sé, o próprio bispo forneceu motivo suficiente para sua segunda condenação (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 18, 4-5; SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 20, 2-3).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo investigar a narrativa do conflito entre a imperatriz-consorte Élia Eudóxia e o bispo João Crisóstomo de modo a compreender as diferentes representações de Eudóxia construídas pelos autores. De fato pudemos perceber que, ainda com algumas divergências, ambos os historiadores da Igreja, Sócrates e Sozomeno, dão destaque e importância para os eventos que levaram à deposição e exílio de João Crisóstomo. A proposta colocada no início desta pesquisa, entretanto, foi a de posicionar a imperatriz Eudóxia em primeiro plano, destacando sua atuação e participação ao longo de todo o processo, ainda que tenha sido necessário, para isso, nos valermos de documentações escritas por homens que contestavam ou diminuían sua importância política.

Salientamos que, apesar da imperatriz Eudóxia ter desempenhado papel de suma importância no processo de expansão e consolidação do cristianismo niceno na parte oriental do Império durante a passagem do século IV para o V, suas representações posteriores costumam ser negativas devido, principalmente, ao seu embate com o bispo de Constantinopla. A imperatriz adquiriu uma má reputação propagada e consolidada, principalmente, por escritores cristãos que a consideravam a grande culpada pela deposição e exílio de um homem considerado “santo” (MAYER, 2006, p. 205-207).

Segundo Gilvan Ventura da Silva, o embate que opôs João Crisóstomo à corte de Constantinopla foi fruto de uma compreensão muito particular da natureza e do alcance do poder imperial, o que o levava a agir com excessiva independência, uma vez que

considerava que sua autoridade era definitiva e gerava inúmeros confrontos com a casa imperial (SILVA, 2012, p. 156-157). O historiador João Carlos Furlani também aponta que o conflito com a imperatriz se insere num processo mais amplo de intervenção de João Crisóstomo na Igreja de Constantinopla, como as reformas no Clero, a organização das vigílias noturnas, o controle sobre o acesso dos fiéis ao espaço urbano e do cotidiano da Capital. No entanto, o autor pontua que o conteúdo dos discursos do bispo apontam para questões que vão além de questões teológicas ou da natureza do poder imperial, abarcando as relações de gênero e possibilidade de atuação política e religiosa feminina em Constantinopla (FURLANI, 2018, p. 49-50).

Observamos que, a partir do século III, a divisão do Império e a consolidação do cristianismo na sociedade romana representou um marco no poder imperial feminino, em que as imperatrizes, como agentes políticas autônomas, fizeram uso de uma série de símbolos ligados a fé e maternidade para consolidar seu poder (NILSSON, 2007, p. 64-82). A participação ativa de Eudóxia nas questões religiosas do Império, no entanto, constituía um modelo de comportamento feminino reprovado pelo bispo de Constantinopla, que possuía dificuldades em aceitar mulheres que exerciam poder fora do âmbito doméstico (LIEBESCHUETZ, 2011, p. 152-158; p. 177-184). Assim, Crisóstomo fez uso de personagens bíblicas atreladas ao pecado, como Eva e Herodias, marcadas pela desobediência e natureza pecaminosa, como forma de se referir a Eudóxia, explorando os estereótipos negativos de gênero (MAYER, 2006, p. 205-213).

Os historiadores da Igreja, entretanto, não abordam a figura da Eudóxia da mesma forma, e ainda que com diferenças importantes, tendem a demonstrar seu envolvimento e participação nos assuntos eclesiásticos. Evidencia-se, no entanto, o fato de Sozomeno aumentar consideravelmente a participação da imperatriz nos assuntos político-religiosos de Constantinopla, trazendo eventos ignorados por Sócrates, como sua participação importante no retorno de Crisóstomo do primeiro exílio (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 18, 5-6). Ademais, Sozomeno também destaca as qualidades maternais e a fé de Eudóxia (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 18, 5), atributo importante para a reafirmação da autoridade das imperatrizes teodosianas (SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*,

Livro VIII, 18, 5).

Por outro lado, Sócrates diminui consideravelmente a participação de Eudóxia nos acontecimentos que levaram ao exílio de Crisóstomo, preferindo focar na conduta dos inimigos do bispo e dele próprio. Ao contrário de Sozomeno, mais fiel às fontes joaninas e solidário ao bispo, Sócrates desaprova abertamente a conduta do bispo em diversos momentos, no entanto, coloca a imperatriz Eudóxia como personagem coadjuvante nos acontecimentos que levaram à deposição de Crisóstomo e realça o próprio bispo como um dos maiores causadores de sua ruína, fazendo inúmeros apontamentos acerca de sua personalidade difícil de lidar (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 3, 12-14; 15, 1-8; 18, 1-6; 21, 1-2).

Conforme já dito, acerca da culpa de Eudóxia no exílio de João Crisóstomo, ambos os autores evitam culpar diretamente a imperatriz. De fato, sabemos que Eudóxia não estava diretamente envolvida na condenação de João, mas esteve envolvida em eventos essenciais que conduziram ao exílio do bispo (PAÑO, 2021b, p. 655). Com efeito, os próprios historiadores apontam que, após o primeiro exílio, o próprio bispo forneceu motivo suficiente para sua segunda condenação (SÓCRATES, *Hist. Eccl.*, Livro VI, 18, 4-5; SOZOMÈNE, *Hist. Eccl.*, Livro VIII, 20, 2-3). Ainda assim compreendemos que o *corpus* documental selecionado faz parte de uma série de obras fundamentais para a consolidação do cristianismo na sociedade romana, sendo, portanto, regido pela intenção declarada de defender a interpretação ortodoxa da História da Igreja contra conceitos considerados heréticos (MARQUES, 2009, p. 57).

Sendo assim, consideramos que a defesa de um modelo de comportamento feminino também buscava ser disseminado, tendo em vista que, com o advento e expansão do cristianismo, o controle do feminino tornou-se objeto de profunda discussão em uma tentativa de instituir um modelo comportamental a ser seguido e baseado nas doutrinas e práticas cristãs (TEDESCHI, 2012, p. 58).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### DOCUMENTOS

CONSTANTINOPLÉ, S. de. **Hist. Eccl.:** livres IV-VI. Paris: ed. G.C. Hansen, P. Périchon, P. Maraval, Paris, 2004.

PHILOSTORGIUS. **Church History.** Translated with an Introduction and Notes by P. R. Amidon. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

SOZOMÈNE. **Hist. Eccl., vol. I-II.** ed. B. Grillet, G. Sabbah, Paris, 1983.

### BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, S. F. L. História das Mulheres e Estudos de Gênero sobre a Antiguidade: Historiografia e Pesquisas. *In:* GUARINELLO, N. L.; SILVA, U. G. da; OLIVEIRA, G. J. D; PIZA, P. L. de T. (orgs.). **Fronteiras Mediterrânicas.** [S.l.]: Editora Fi, 2019, p. 271-304.

BASCHET, J. **A civilização feudal:** Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BELMAIA, N. A. W. Monges e Ascetas: O Monasticismo na Antiguidade. *In:* BELMAIA, N. A. W.; AMADOR, C. H. S.; FRIZZO, M. K.; MIRANDA, G. N. HENRIQUE, H. E.; ARCHER; R. B.; PINTO, O. L. V. (orgs.). **Diálogos sobre História Antiga e Medieval.** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, v. 2, 2022. p. 135-167.

BRALEWSKI, S. Empress Eudoxia through the Prism of Fifth Century Ecclesiastical Histories. **VOX PATRUM 75,** [s.l.], p. 43-66, 2020.

BROTTIER, L. **L'impératrice Eudoxie et ses enfants.** Revue des Sciences Religieuses, tome 70, fascicule 3, p. 313-332, 1996.

CHARTIER, R. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Butrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. Literatura e História. **Topoi,** Rio de Janeiro, v. 1,n. 1, p. 197-216, jan./dez. 2020.

CHESNUT, G. F. **The first Christian histories**: Eusebius, Socrates, Sozomen, Theodoret, and Evagrius. Paris: Éditions Beauchesne, 1977.

FEITOSA, L. C. Masculino e Feminino na sociedade romana: os desafios de uma análise de gênero. *In*: CANDIDO, M. R. (org.). **Mulheres na Antiguidade**: Novas Perspectivas e Abordagens. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora – DG Ltda, 2012. p. 203-218.

FURLANI, J. C. **Gênero, conflito e liderança feminina na cidade pós-clássica**: a atuação de Eudócia e Olímpia sob o episcopado de João Crisóstomo (397-404). 2017. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2017.

FURLANI, J. C. Conflito e violência em Constantinopla: o episcopado de João Crisóstomo (397-404). **Revista Signum**, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 29-50, 2018.

GATT, P.; COTRIM, I. de S. O gênero e o papel feminino na perspectiva discursiva cristã medieval. **Revista História em Curso**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 12-26, jun. 2022.

HANSON, R. P. C. **The search for the Christian Doctrine of god**. The arian Controversy 318-381. Scotland: T&T Clark, 1997.

HERRIN, J. Late antique origins of the “Imperial Feminine”: western and eastern empresses compared”. **Byzantinoslavica**, [s.l.], v. 74, p. 5-25, 2016.

HOLUM, K. G. **Theodosian empresses**: women and Imperial dominion in Late Antiquity. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1982.

LIEBESCHUETZ, J. H. G. W. Friends and enemies of John Chrysostom. *In*: MOFFAT, A. (Ed.). **Maistor, Classic, Byzantine and Renaissance studies for Robert Browning**. Canberra: Australian Association for Byzantine Studies, 1984. p. 85-111.

LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. **Ambrose & John Chrysostom**: clerics between desert and Empire. New York: Oxford University Press, 2011.

LIGHTMAN, M.; LIGHTMAN, B. (ed.). **A to Z of Ancient Greek and Roman Women**. New York: Facts on File, 2008.

LOYN, H. R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MAGALHÃES, J. C. Arianistas. In: FUNARI, P. P. A. (org.). **As Religiões que o Mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009. p. 87-101.

MARQUES, J. R. S. **A construção da imagem do Imperador Valente na obra de Sócrates Escolástico**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

MAYER, W. Doing Violence to the Image of an Empress: The Destruction of Eudoxia's Reputation In: Drake, H. A. (ed.). **Violence in Late Antiquity**: perceptions and Practices. Routledge, Londres y Nueva York, 2006. p. 205-213.

MENNITTI, D. **As mulheres não tão silenciosas de Roma**: representações do feminino em Plínio, o Jovem. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2015.

NILSSON, C. **The Empress in Late Antiquity and the Roman Origins of the Imperial Feminine**. Tese (Master of Arts) - Department of History, Simon Fraser University, 2007.

NOBBS, A. E. Digressions in the Ecclesiastical Histories of Socrates, Sozomen and Theodoret. **Journal of religious history**, v. 14, n. 1, 1986.

PAÑO, M. V. E. Aelia Eudoxia y Arcadio en Constantinopla: la piedad imperial concertada en la ciudad más cristiana del imperio. In: CHIRIATTI, M.; VILLEGAS, R. (eds). **Mujeres imperiales, mujeres reales**: Representaciones públicas y representaciones del poder en la Antigüedad Tardía y Bizancio. Paderborn: Brill Schöningh, 2021a, p. 64-95.

PAÑO, M. V. E. Elia Eudoxia. **250 mujeres de la antigua Roma**. Pilar Pavón: Universidad de Sevilla, 2022.

PAÑO, M. V. E. La visibilidad política de Aelia Eudoxia en la Constantinopla de Arcadio: estatuas, ofensas y exilios. *In: PAVÓN, P. **Conditio Femminae**. Imágenes de la realidad femenina en el mundo romano. Roma, 2021b. p. 651-663.*

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 2017.

SILVA, D. P. **As perseguições aos cristãos no Império Romano**: dois modelos de apreensão. *Revista Jesus Histórico*, Rio de Janeiro. p. 29-44, 2011a.

SILVA, É. C. M. da. **Igreja, conflito e poder no século IV d.C.**: João Crisóstomo e o levante das estátuas em Antioquia. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciência Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2006a.

SILVA, É. C. M. da. Cristianismo, poder e espaço na Antiguidade Tardia: o episkopeion como expressão do poder do bispo. **História**, São Paulo, v. 35, p. 1-18, 2016.

SILVA, G. V. da. Por que fueron perseguidos los primeros cristianos? *In: FINLEY, M. (ed). **Estudios sobre Historia Antigua**. Madrid, Akal Editor, 1981, p. 233-273.*

SILVA, G. V. da. **Reis, santos e feiticeiros**: Constâncio II e os fundamentos da Basileia – 337-361. Vitória: Edufes, 2003a.

SILVA, G.V. da. Violência e intolerância religiosa no Baixo Império: os levantes de Constantinopla sob o governo de Constâncio II (337-361). **PHOÏNIX**, [s.l.], v. 9, p. 128-149, 2003b.

SILVA, G. V da. A redefinição do papel feminino na Igreja primitiva: virgens, viúvas, diaconisas e monjas. *In: SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (orgs). **As Identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião**. Vitória: EDUFES, 2006b. p. 305-320.*

SILVA, G. V. da. Ascetismo, gênero e poder no Baixo Império Romano: Paládio de Helenópolis e o status das devotas cristãs. **História**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-78, 2007.

SILVA, G. V. da. A formação dos cidadãos do céu: João Crisóstomo e a *Christon paideia*. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 32, n. 1, p. 7-17, 2010.

SILVA, G. V. da. As mulheres e os perigos da cidade: casamento espiritual, virgindade e prostituição segundo João Crisóstomo. In: LEITE, L. R.; SILVA, G. V. da; CARVALHO, R. N.B.; FRANCALANCI, C. (orgs.). **Representações do masculino e do feminino na Antiguidade**. 1 ed. Vitória: PPGL, 2011b. p. 33-51.

SILVA, G. V. da; SOARES, C. da S. Autoridade episcopal e conflito político na Antiguidade Tardia: a atuação de Cipriano de Cartago e de João Crisóstomo como reformadores da Igreja. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [s.l.], v. 5, n. 13, p. 141-160, 2012.

SILVA, G. V. da. A cristianização e seus limites: o caso de Antioquia na Antiguidade Tardia. **Revista Territórios & Fronteiras**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 32-49, 2013.

SILVA, G. V. da. Um bispo para além da crise: João Crisóstomo e a reforma da igreja de Constantinopla. Rio de Janeiro, **PHOÊNIX**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 109-127, 2020.

SOUZA, F. H. S. de. A Condenação Do Arianismo (Século IV d.C.). **Revista de Estudos sobre o Jesus Histórico e sua Recepção**, [s.l.], v. IX, n. 16, p. 58-76, 2016.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

VARGAS, M. E. **O Monaquismo**: dos primórdios ao século VII. Millenium: Instituto Politécnico de Viseu, 1999.